

“O verdadeiro amor nasce de um coração puro, de uma consciência boa e de uma fé sincera, e ama o bem do próximo como se fosse seu”¹: a mística de São Bernardo de Claraval¹
“True love is born of a pure heart, of a good conscience and of a sincere faith, and loves the good of others as his own”²: the mystic of St. Bernard of Clairvaux

Ricardo da COSTA²

Resumo: Análise do conceito de *Amor* (e seus graus até Deus) na *contemplação mística* de Bernardo de Claraval com base especialmente na *Carta 11* de seu *Epistolário*, mas também em seus *Sermões sobre o Cantar dos Cantares* e na obra *De Diligendo Deo* (*Deus há de ser amado*).

Abstract: Analysis of the concept of Love (and their degrees to God) in the *mystic contemplation* of Bernard of Clairvaux, especially based on the *Letter 11* by your *Epistolary*, but also in his sermons on the *Canticle of Canticles* and in the work *De Diligendo Deo*.

Palavras-chave: Amor – Filosofia – Mística – Bernardo de Claraval.

Keywords: Love – Philosophy – Mystic – Bernard of Clairvaux.

I. A mística medieval cristã e o amor (caritas)

Bernardo de Claraval (1091-1153) é considerado um dos fundadores da mística medieval.³ Essa importante corrente filosófica, “nascida” com a obra do Pseudo-Dionísio Areopagita (séc. V), encontrou no monge cisterciense a mais sublime expressão especulativa que, em seu tempo, se contrapôs ao racionalismo filosófico *strictu sensu*. Para Bernardo, a união do homem com Deus, objetivo final da mística – o chamado *êxtase* – era um *matrimônio espiritual* (*spirituali matrimonio*).⁴ Esse ato de *santa contemplação* aconteceria de duas maneiras: na *luz do intelecto* e na *devoção do afeto*, um natural movimento espiritual.⁵

¹ Trabalho a ser apresentado no **XIII Congresso Internacional de Filosofia Medieval**, evento organizado pela *Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval*, a ocorrer na Ufes nos dias 01 a 04 de agosto de 2011. Trabalho a ser publicado em BEZERRA, Cícero Cunha, e NUNES, Marcos Roberto (orgs.). *A Experiência Humana do Divino: As grandes místicas no pensamento filosófico-religioso antigo-tardio e medieval*. Recife: Editora da UFPE, 2011.

² Medievalista da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). *Acadêmic correspondente* n. 90 da *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*. Site: www.ricardocosta.com

³ GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 362. Já tivemos a oportunidade de tratar da mística bernardina: COSTA, Ricardo da. “El Alma en la mística de San Bernardo de Claraval”. In: *Revista Humanidades 17-18*. Departamento de Artes y Humanidades de la Universidad Andrés Bello. Santiago de Chile, junio-diciembre 2009, p. 201-210, Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/El%20alma%20en%20la%20mística%20de%20San%20Bernardo.pdf>, e COSTA, Ricardo da. “O que é Deus? Considerações sobre os atributos divinos no tratado *Da Consideração* (1149-1152), de São Bernardo de Claraval”. In: *Revista Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Christi, Ano IX, fasc. 18, jul-dez 2010, p. 223-238. Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/ANPOF%202010.pdf>.

⁴ *Obras Completas de San Bernardo V*. Madrid: BAC, MCMLXXXVII (*Sermão 85 sobre o Cantar dos Cantares*, 13), p. 1059.

⁵ *Sermão 49 sobre o Cantar dos Cantares*, 3, *op. cit.*, p. 641.

Contudo, o *êxtase* é indescritível, extraordinário, uma rara e efêmera experiência que dura só um breve instante. Nele, a alma era arrebatada, se distanciava de seus sentidos corporais e não percebia nada de si, já que fruía a *suavidade inefável do Verbo*. Quem tivesse a curiosidade de saber o que era tal gozo, deveria tampar os ouvidos e abrir o espírito, pois a língua não poderia explicar, só a graça.⁶ Por isso, era vedado aos sábios, mas revelado aos parvos.⁷

Para iniciar esse caminho ascensional ao encontro dessa agradabilíssima *união extática*, é necessário trilhá-lo com amor, mas não um amor qualquer, e sim com aquele que, com sua bondade, inflama, faz arder o coração e queima as entranhas do amante. Tal fogo, quando quer, nos torna discretos, com aquela discricção que arbitra o certo do errado e só manifesta o que sente. Esse amor autêntico e leal só nasce de um coração puro, de uma consciência boa e de uma fé sincera.⁸ Ama o bem do próximo como se fosse seu; glorifica-o porque é bom para o outro, não para si. Em outras palavras, não busca o próprio interesse⁹, essa que é a mais radical expressão de amor que existe.¹⁰

A palavra *affectus* engloba uma miríade de *estados da alma*, de *disposição do espírito* relacionadas ao amor: afeição, carinho, ternura, meiguice. A *devoção do afeto*, portanto, diz respeito a um carinho fervoroso, pré-condição da contemplação amorosa a Deus.

⁶ A **recusa do mundo** como condição *sine qua non* para se alcançar a sabedoria filosófica tem longa tradição na história da filosofia. Por exemplo, para nos atermos ao universo de leitura do próprio Bernardo, o filósofo estoíco Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.) aconselha seu discípulo Lucílio: “**Para seres sábio, basta-te-á manteres os ouvidos fechados**; só que não será suficiente usar cera: necessitarás de uma matéria mais densa do que a usada por Ulisses nos seus companheiros. A voz temida pelos marinheiros, embora sedutora, não era a voz de todo o mundo; aquela de que nós devemos precaver-nos não provém de um recife, mas **ressoa nos quatro cantos da terra. Passa, por conseguinte, ao largo não apenas de um local tornado suspeito pela sua traiçoeira sedução, mas de todas as cidades. Mostra-te surdo aos conselhos dos que mais te querem bem**: com boas intenções, apenas te desejam mal.” (os grifos são meus) – LÚCIO ANEU SÊNECA. *Cartas a Lucílio* (trad., prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, *Carta 31*, p. 116-117.

⁷ *Sermão 85 sobre o Cantar dos Cantares*, 13, *op. cit.*, p. 1059.

⁸ *Obras Completas de San Bernardo VII. Cartas*. Madrid: BAC, MCMC, *Carta 11*, 3, p. 133.

⁹ A passagem do *Sermão 85* de São Bernardo é toda baseada em *Coríntios*: “A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor.”, 1Cor 13, 4-5. Todas as citações bíblicas citadas nas notas desse trabalho são referências do próprio texto de Bernardo, encontradas *a posteriori* pelos editores da BAC e que serviram de base teológica para Bernardo redigir seu texto.

Por sua vez, essa passagem do texto bernardino é filosoficamente tão profunda que é citada – e mais de uma vez – no *Dicionário de Filosofia* de José Ferrater Mora (1912-1991), no verbete “Amor” (Tomo I [A-D]. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 108).

¹⁰ A *caritas* cristã, justamente por se caracterizar pela *completa ausência de interesse*, é a *mais pura expressão filosófica do amor*. “O amor na renúncia ama renunciando a si; isto significa que ele ama todos os homens sem a menor diferenciação, o que para o amor faz do mundo um simples deserto. E este amor ama os outros como a si próprio. Na actualização da relação retrospectiva, a criatura acede ao seu próprio ser. Ela compreende-se, ela que é enquanto vinda de Deus, ao mesmo tempo que indo em direção a Deus, no seu ser face a Deus. É somente nesta compreensão retrospectiva do próprio ser e do isolamento que aí se realiza que surge o amor fraterno (*frater=proximus*) A condição para uma compreensão justa do próximo é a compreensão justa de si mesmo” – ARENDT, Hannah. *O conceito de Amor em Santo Agostinho. Ensaio de Interpretação Filosófica*. Lisboa: Instituto Piaget, s/d, p. 115.

II. Dentre os amorosos, os escravos, os mercenários e os filhos do pai

Por volta de 1124, Bernardo recebeu uma carta de Guido I (1109-1130), prior dos cartuxos. Essa ordem eremítica havia sido criada nos Alpes do reino da França (nas montanhas Chartreuse, ao norte de Grenoble)¹¹, em 1084, por Bruno de Colônia (c. 1030-1101). Bernardo, que conhecera Bruno quando este fora diretor da Escola de Reims¹², responde com muito carinho à carta de Guido, e demonstra um grande afeto pelos cartuxos, certamente devido ao seu *ascetismo contemplativo*:

Sanctitatis vestrae litteras tam laetus accepi, quam avidus et olim desideraveram. Legi eas, et quas volvebam in ore litteras, scintillas sentiebam in pectore, quibus et concaluit cor meum intra me, tamquam ex illo igne quem Dominus misit in terram. O quantus in illis meditationibus exardescit ignis, e quibus huiusmodi evolant scintillae! Vestra illa succensa et succendens salutatio sic mihi, ut verum fatear, accepta fuit, et est, quasi no ab homine sed certissime ab illo qui mandat salutes Iacob descendere videretur. Non me sane arbitror salutatum in via, no in transitu, non veluti ex occasione, ut assolet, consuetudinis, sed plane ex visceribus, ut sentio, caritatis prodiit haec tam grata et inopitata benedictio.

Recebi com alegria a carta de tua santidade, pois a vinha desejando há tempos. Ao lê-la, enquanto meditava, sentia que meu peito se inflamava e o coração ardia por dentro¹³, como se fosse aquele fogo que o Senhor veio acender na terra.¹⁴ Como abrasam essas meditações com as chamas que lançam semelhante fulgor! Se te digo o que sinto, essa saudação tua, abrasada e ardente, me comoveu tanto com se fosse – e é na realidade – enviada não por um homem, mas pelo mesmo que fez descer a salvação sobre Jacó, sem qualquer dúvida (...) sinto que tua bênção, tão grata quanto inesperada, brota das entranhas do amor.¹⁵

Bernardo demorou a responder a Bruno porque temia “molestar a santa paz de seu sagrado isolamento do mundo”. No entanto, o amor projetou-o, atrevido que é, à porta do amigo, porque ele “é a origem de toda amizade e, quando quer, obriga a nos perdermos em Deus”. Por isso, Bernardo escreve aos cartuxos e discorre sobre a verdadeira e sincera caridade, condição *sine qua non* para a ascensão mística. Trata-se da principal epístola sobre o amor em São Bernardo, e será, portanto, a base de minha análise.

Bernardo principia o tema em seu texto com uma bela definição: o amor, quando quer, nos torna discretos conosco. Por isso, ele pode provocar amorosamente aquele que guarda silêncio (no caso, Bruno). Como a lei do amor verdadeiro afirma que se deve amar o bem do próximo como se fosse

¹¹ BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 42.

¹² GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *Historia de la Iglesia Católica II. Edad Media (800-1303)*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2003, p. 652.

¹³ “Meu coração queimava dentro de mim, ao meditar nisto o fogo se inflamava, e deixei minha língua dizer: ‘Mostrame o meu fim, Yahweh, e qual é a medida dos meus dias, para eu saber quão frágil sou’”, Sl 39 (38), 4-7.

¹⁴ “Eu vim trazer o fogo à terra, e como desejaria que já estivesse aceso! Pois doravante, numa casa com cinco pessoas, estarão divididas três contra duas e duas contra três; ficarão divididos: pai contra filho e *filho contra pai*, mãe contra filha e *filha contra mãe*, sogra contra nora e *nora contra sogra*”, Lc 12, 49-50.

¹⁵ *Obras Completas de San Bernardo VII. Cartas, op. cit., Carta 11, 1, p. 129.*

seu, o cisterciense define três categorias de amantes: 1) Os que louvam a Deus porque Ele é poderoso; 2) Os que louvam a Deus porque Ele é bom com eles, e 3) Os que louvam a Deus porque Ele é bom em Si mesmo. Os primeiros são *escravos*, porque têm temor; os segundos são *mercenários*, porque estão dominados pela cupidez.¹⁶ Somente os terceiros são *filhos que honram seu pai*, porque o amor do filho não busca seu próprio interesse.

O *temor* e a *cupidez*, por fraquejarem a alma e distorcerem sua essência, não são capazes de convertê-la efetivamente, pois onde há amor próprio, há individualismo; onde há individualismo há divisão, e onde há divisão, há sordidez e inveja. Portanto, *escravos* e *mercenários* são individualistas. E como a caridade converte as almas e as torna livres, só os filhos que honram o pai são libertados pelo amor.

O *amor-caridade* é imaculado: é a lei do Senhor. Para Bernardo, Deus vive da caridade; ela é a Sua lei – e não é absurdo dizer que Ele vive conforme uma lei¹⁷, pois é ela quem conserva a soberana e inefável unidade da Trindade, enlaçando-a com o vínculo da paz.¹⁸ Mais: baseado em João¹⁹, o abade afirma que *a caridade é a própria substância divina*:

Itaque Caritas dat caritatem, substantiva accidentalem. Ubi dantem significat, nomen est substantiae; ubi donum, qualitatis. Haec est lex aeterna, creatrix et gubernatrix universitatis. Siquidem in pondere et mensura et numero per eam facta sunt universa, et nihil sine lege relinquitur, cum ipsa quoque lex omnium sine lege non sit, non tamen alia quam seipsa, qua et seipsam etsi non creavit, regit tamen.

A caridade da caridade, a caridade substantiva da acidental. Quando se refere ao que dá, seu nome é substância. Quando significa o dom, é a qualidade. Essa é a lei eterna, a que cria e governa o universo.²⁰ Ela faz tudo com peso, número e medida.²¹ Ninguém está livre da lei, nem sequer Ele, que é a lei de todos. E esta lei é essencialmente lei, não tem poder criador, mas se rege a si mesma.²²

¹⁶ Recorde-se que a **cobiça**, na tradição judaico-cristã, é a origem de todos os pecados (ou, em termos filosófico-clássicos, dos *vícios da alma*): “Assim termina a cobiça sem medidas, tirando a vida ao seu dono” (Pr 1, 19); “Todo dia o ímpio é presa do desejo, mas o justo dá e nada retém” (Pr 21, 26 – isto é, ele cobiça a cobiça!); “Mais vale o que os olhos vêem do que a agitação do desejo. Isso também é vaidade e correr atrás do vento” (Ecl 6, 9).

¹⁷ “*Nec absurdum videatur quod dixi etiam Deum vivere ex lege, cum non alia dixerim quam caritate*” (Não é absurdo dizer que Deus também vive de acordo com uma lei, já que esta lei é a caridade), *Obras Completas de San Bernardo VII. Cartas, op. cit., Carta 11, 4*, p. 135.

¹⁸ “...procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”, Ef 4, 3.

¹⁹ “E nós temos conhecido o amor de Deus por nós, e nele acreditamos. Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele”, 1Jo 4, 16.

²⁰ “O mundo inteiro é diante de ti como o grão de areia na balança, como a gota de orvalho que de manhã cai sobre a terra”, Sb 11, 22.

²¹ “Mas tudo dispuseste com medida, número e peso”, Sb 11, 20.

²² *Obras Completas de San Bernardo VII. Cartas, op. cit., Carta 11, 4*, p. 135.

Apesar de, nessa passagem, Bernardo se basear essencialmente no *Livro da Sabedoria*, a afirmação que *o mundo foi criado e é governado pelo amor* tem longa tradição na história da filosofia. Já Parmênides (c. 530-515 a. C.) afirmara que “primeiro entre todos os deuses [a Deusa] produziu o Amor”, e na *Teogonia* (séc. VIII a. C.) de Hesíodo, o Amor (*Eros*, Ἔρως) era uma divindade primordial²³, pois nasceu após o *Caos primordial*, juntamente com *Gaia* (Terra), o *Tártaro* (o Mundo inferior), *Érebo* (a Escuridão profunda) e *Nix* (a Noite).²⁴ Isso sem contar Aristóteles (384-322 a.C.), que, em sua *Metafísica*, afirmou que “o primeiro movente move como o que é amado, enquanto todas as outras coisas movem sendo movidas”.²⁵

Em contrapartida, os *escravos* e *mercenários* têm sua própria lei, que é a sua própria, e, por isso, são egoístas, além de imitarem perversamente o Criador. Por isso, tornam-se seus inimigos, pois não transcendem a lei da justiça com as suas vidas, nem permanecem na luz de Deus.²⁶ E como Deus vive sob Sua lei, tampouco os filhos de Deus estão sem lei: uma é a lei promulgada pelo espírito da escravidão e do egoísmo, outra é a lei do espírito livre e amoroso.²⁷ Para distinguir a lei que atinge o iníquo da lei que os espíritos livres acolhem, Bernardo cita uma importante passagem da *Primeira Epístola a Timóteo*, e reitera que o amor que liberta também faz com que recebam docemente a lei e sejam estimulados por ela.²⁸

Por esse motivo, *a lei da caridade é suave*, pois a caridade a torna agradável aos justos, e suave aos *mercenários* e *escravos*: modera a de uns, ordena a de outros, e suaviza a de todos. Ela aperfeiçoa a lei do *escravo*, pois lhe inspira devoção, e faz o mesmo com a do *mercenário*, pois ordena seus

²³ “O Eros de Hesíodo é uma idéia especulativa original e de enorme fecundidade filosófica” – JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 65.

²⁴ Essas duas passagens de Parmênides e Hesíodo são citadas na *Metafísica* de Aristóteles. Ver ARISTÓTELES. *Metafísica* (ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale). São Paulo: Edições Loyola, 2005, vol. II, Livro A (Primeiro), 984b, 25-30, p. 23.

²⁵ ARISTÓTELES. *Metafísica, op. cit.*, vol. II, Livro A (Décimo segundo), 1072b, 5, p. 563. Observe-se que São Bernardo não conheceu a *Metafísica* de Aristóteles, traduzida no Ocidente somente no século XIII. No entanto, a tradição grega legou à filosofia medieval o seu caráter teológico. Para o tema, ver COSTA, Ricardo da. “As raízes clássicas da transcendência medieval”. Trabalho inédito a ser publicado em MARINHO, Simone (org.). *Temas de Filosofia Medieval*. Campina Grande: Editora da UEPB, 2011. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/pub/As%20ra%EDzes%20cl%Essicas%20da%20transcend%EAncia%20medieval.pdf>

²⁶ O tema da luz é caro para a filosofia medieval. Para isso, ver COSTA, Ricardo da. “‘A luz deriva do bem e é imagem da bondade’: a *metafísica da luz* do Pseudo Dionísio Areopagita na concepção artística do abade Suger de Saint-Denis”. In: *Scintilla. Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), Vol. 6 - n. 2 - jul./dez. 2009, p. 39-52. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/pub/suger.htm>

²⁷ *Carta 11*, 6, p. 139.

²⁸ A passagem, aliás, pouquíssimo citada atualmente nas homilias, é essa: “Sabemos, com efeito, que a Lei é boa, conquanto seja usada segundo as regras, sabendo que **ela não é destinada ao justo, mas aos iníquos e rebeldes, ímpios e pecadores, sacrílegos e profanadores, parricidas e matricidas, homicidas, impudicos, pederastas, mercadores de escravos, mentirosos, perjuros** e para tudo o mais que se oponha à sã doutrina, segundo o evangelho de glória do Deus bendito, que me foi confiado”, 1Tm 1, 8-11 (os grifos são meus).

desejos. O amor nunca vem sem temor, mas este será casto, isto é, respeitoso.²⁹ Nunca faltarão desejos ao amor, mas eles estarão sempre ordenados.

É por isso que quando foi dito “Não há temor no amor; ao contrário, o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor implica um castigo, e o que teme não chegou à perfeição do amor”³⁰, Bernardo entende que essa passagem é uma figura retórica na qual se toma a causa pelo efeito, pois se refere à pena, que, para ele, vai sempre unida ao temor.³¹

III. Os três graus do amor, e o quarto, inatingível em vida

É quando então a *Carta 11* inicia a famosa digressão sobre os *graus do amor*.³² Bernardo, realista, começa pelo material: somos carnis, portanto é natural que os nossos desejos e o nosso amor principiemos pela carne. Contudo, caso ela esteja bem governada pela alma, poderá avançar sob a graça até ser absorvida pelo espírito, porque o espiritual não vem primeiro, e sim o animal.³³ Esse é o **primeiro grau**: o homem começa amando a si mesmo. Por ser carne, não compreende nada fora de si.³⁴ Contudo, quando percebe que não pode subsistir por si mesmo, começa a buscar a Deus pela fé e a amá-Lo porque O necessita.³⁵

²⁹ “...comportamento casto e respeitoso”, 1Pd 3, 2.

O tema *amor/temor* é importantíssimo para a filosofia medieval, inclusive para a filosofia política: “**Amor e temor** devem andar juntos. Este tema é uma questão retomada pelos *espelhos de príncipes* do século XIII a partir dos livros de conselhos para os magistrados das cidades italianas a partir de 1250, os chamados *podestà*, que eram indicados pelas famílias mais importantes (...) Para Ramon Llull (1232-1316), **o príncipe deve procurar ser amado pelo seu povo, mais amado do que temido**. Neste ponto, Ramon, como bom medieval, inverte a premissa maquiavélica — ou melhor, seria mais preciso dizer que **Maquiavel (1469-1527) inverteu a premissa medieval**. Pois temor sem amor provoca paixão nos corações dos homens e esta paixão ‘faz considerar muitas coisas contra o príncipe, das quais se nutrem desamor contra amor, e injúria contra justiça, e traição contra lealdade, e assim das outras coisas que acontecem por temor sem amor’ (*Dos ramos da Árvore Imperial. 2. Do Amor*)” (os grifos são meus), COSTA, Ricardo da. *A Árvore Imperial – Um Espelho de Príncipes* na obra de Ramon Llull (1232-1316). Niterói: Tese de doutorado, 2000, p. 192-193.

³⁰ 1Jo 4, 18.

³¹ *Carta 11*, 7, p. 139.

³² Descrita praticamente em todos os grandes manuais de História da Filosofia na Idade Média, como, por exemplo, FRAILE, Guillermo. *Historia de la Filosofía II (1.º). El cristianismo y la filosofía patristica. Primera escolástica*. Madrid: BAC, MCMLXXXVI, p. 500-502; GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, p. 1995, p. 362-366, e principalmente RAMÓN GUERRERO, Rafael. *Historia de la Filosofía Medieval*. Madrid: AKAL, 2002, 168-170.

³³ “Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual (...) **Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois**. O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu. Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste” (o grifo é meu), 1Cor 15, 44-49.

³⁴ “Iahweh disse: ‘Meu espírito não se responsabilizará indefinidamente pelo homem, **pois ele é carne**; não viverá mais que cento e vinte anos” (o grifo é meu), Gn 6, 3.

³⁵ *Carta 11*, 8, p. 141.

Nesse contexto filosófico-teológico, deve-se entender *precisamente* o significado do verbo **subsistir** (do latim *subsistere*): 1. Resistir, combater, atacar; 2. Permanecer, ficar, conservar-se. Portanto, *caso englobemos todas as acepções do verbo*, em Bernardo, quando o homem percebe que não pode resistir só, não pode lutar contra as

Imagem 1



O abraço de Cristo em São Bernardo (séc. XVII, óleo sobre tela, 158 x 133 cm, *Museo del Prado*, Madrid), do pintor barroco espanhol Francisco Ribalta (1565-1628). O Cristo, másculo, viril, ressurreto (percebe-se as feridas da *Paixão* em Seu dorso e em Seu peito), se inclina generosa e *amorosamente* para acolher Bernardo, enquanto dois anjos e a cruz são envolvidos na penumbra. Com um deslumbrante hábito branco (de sua ordem), Bernardo é suavemente arrebatado. Sua expressão é serena, extática, completamente feliz com a carinhosa acolhida do Cristo. A cena, de uma grande expressividade afetiva, é suavemente iluminada por uma poderosa fonte de luz vinda de baixo e que projeta o *abraço místico* para além da escuridão que a envolve. Sua perspectiva, de baixo para cima assim como a origem do foco de luz, confere a monumentalidade ao gesto, nessa que é uma das grandes obras da mística espanhola e, portanto, muito representativa do tema que aqui desenvolve.³⁶

vicissitudes somente com suas forças, enfim não é capaz de permanecer em si apenas consigo próprio, recorre a uma força superior, isto é, a Deus.

³⁶ Para a importância de sempre se relacionar texto e imagem em investigações no âmbito das Ciências Humanas, ver SCHAMA, Simon. *O Poder da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

O **segundo grau** ama a Deus, mas por si mesmo, não por Ele. As misérias do mundo que o afligem fazem com que o conduzam até Deus, na meditação, na leitura e na obediência, e assim Ele se revela paulatinamente, de um modo doce e humano.

Somente após experimentar a *suavidade do Verbo encarnado*³⁷ se consegue passar ao **terceiro grau**, que é o ato de *amar a Deus não por si próprio, mas por Ele*. Nesse estado pré-místico, a alma permanece absorta e meditativa por muito tempo. Bernardo afirma que não sabe se nesta vida alguém pode alcançar o **quarto grau**, que consiste em *amar-se somente por Deus*. Ele crê que isso é impossível, e que só ocorrerá quando o bom e fiel servo for introduzido no gozo do Senhor e estiver saciado na abundância da casa de Deus. Neste que é o *verdadeiro estado místico*, a alma se esquecerá inteiramente de si, e, inebriada, se lançará em Sua direção e se fará um só espírito com Ele.³⁸

Neste **quarto grau do amor**, quando entrar na potência do Senhor, a alma não cogitará mais nas misérias da carne, só na justiça divina.³⁹ Será nesse momento de *congregação etérea* que todos os membros de Cristo – isto é, a *Igreja Triunfante*⁴⁰ – poderão dizer de si mesmos aquilo que Paulo disse da cabeça (“Por isso, doravante a ninguém conhecemos segundo a carne. Mesmo se conhecemos Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim”⁴¹).

Na *cidade ideal e divina* que congregará os eleitos, não haverá lágrimas nem lamentos pelos condenados ao fogo eterno, como o diabo e seus anjos.⁴² Em suas ruas, corre eternamente um caudaloso *rio de alegria*, e é impossível recordar a misericórdia em um lugar onde só reina a

³⁷ “Provai e vede como Iahweh é bom, feliz o homem que nele se abriga”, Sl 34 (33), 9.

³⁸ *Carta 11*, 8, p. 141. A base dessa passagem se encontra em Paulo: “Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito”, 1Cor 6, 17.

³⁹ “Eu virei com o poder de Iahweh, para recordar tua única justiça”, Sl 71(70), 16. É curioso observar que para o tema do amor, Bernardo harmoniosamente *mescla* passagens dos Salmos com as cartas joaninas e paulinas.

⁴⁰ Isto é, aqueles que se encontram no Paraíso. A *Igreja Triunfante (Ecclesia Triumphans)* e a *Igreja Militante (Ecclesia Militans)*, isto é, a milícia dos cristãos vivos, que combate “...os Dominadores deste mundo de trevas” [Ef 6, 12] é o motivo de um belíssimo afresco de Andrea da Firenze (1343-1377) na Igreja de Santa Maria Novella, na Grande Capela do Espanhol, Florença.

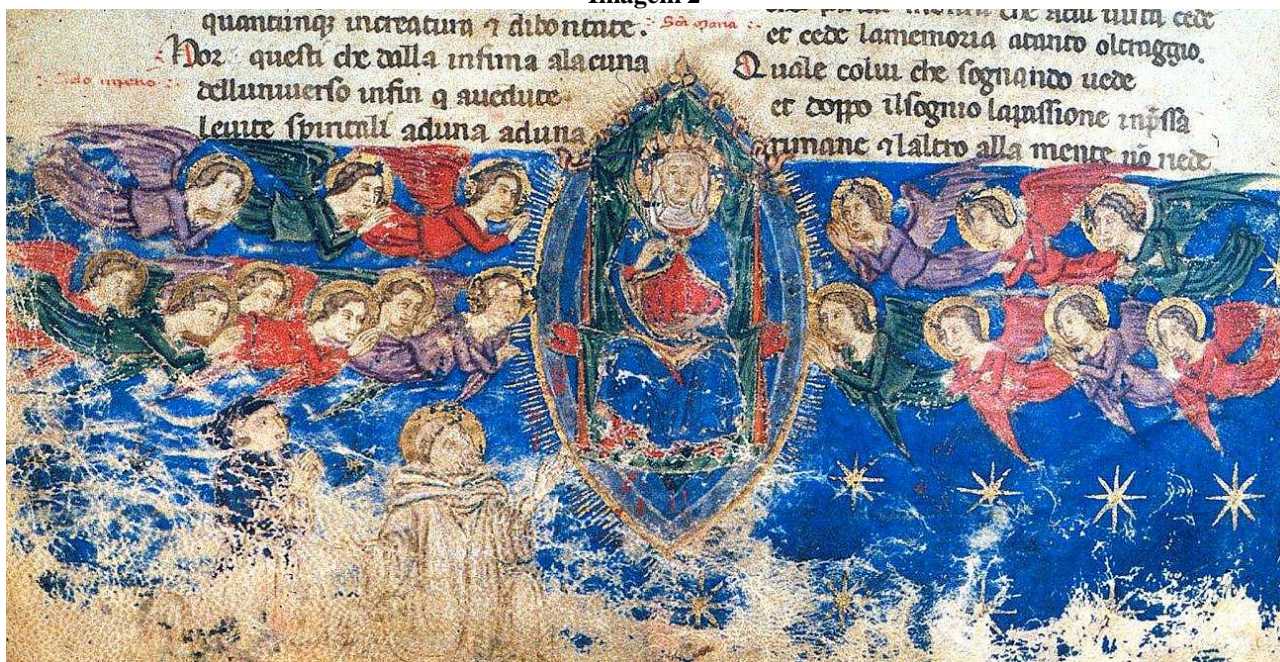
⁴¹ 2Cor 5, 16.

⁴² “Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Apartai de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos. Porque tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber. Fui forasteiro e não me visitastes’”, Mt 25, 41.

É sempre bom recordar que, nos textos medievais, a referência a uma *cidade divina e perfeita* como essa aqui descrita sempre faz alusão à *cidade ideal platônica*, base inclusive da *Cidade de Deus* (c. 413-426) de Santo Agostinho (354-430): “...talvez haja um modelo no céu, para quem quiser contemplá-la e, contemplando-a, fundas uma para si mesmo. De resto, nada importa que a cidade exista em qualquer lugar, ou venha a existir, porquanto é pelas suas normas, e pelas de mais nenhuma outra, que ele pautará o seu comportamento.” – PLATÃO. *A República* (trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, 592b, p. 450.

justiça.⁴³ Por isso, como já não existirão a miséria nem o tempo da misericórdia, não haverá o sentimento de compaixão nesse *estado amoroso final*. Será um *instante extático* que se tornará eterno, quando o *amor carnal* será absorvido pelo *amor do espírito*, e os débeis afetos humanos serão divinizados.⁴⁴ Em suma, estar-se-á no Paraíso!⁴⁵

Imagem 2



Dante. *A Divina Comédia. O Paraíso. Canto XXXIII*. MS. Holkham misc. 48 (formerly Norfolk, Holkham Hall, MS. 514), p. 146. Dante e São Bernardo (com seu hábito branco) se ajoelham diante da Virgem Maria, que está entronizada em uma mandorla, segurando uma palma de ouro, e rodeada por anjos. Dante se valeu de São Bernardo para conduzi-lo em sua jornada no *Paraíso*: “Ó Virgem Mãe, filha do Filho teu, / humilde e mais sublime criatura, / pedra angular do desígnio do Céu; / tu foste aquela que a humana Natura / assim enobreceu, que o seu Feitor / não desdenhou de assumir sua figura. / Reacende-se no ventre teu o Amor, / por cujo alento, na eterna bonança, / germinou aqui esta divina Flor.” (1-9)⁴⁶

Conclusão

Alguns anos após ter redigido essa carta a Guido, Bernardo voltou ao tema dos *graus do amor* em outra missiva – nomeada *De Diligendo Deo (Deus há de ser amado)*⁴⁷ – destinada a Aimerico

⁴³ “Um rio saía de Éden para regar o jardim e de lá se dividia formando quatro braços”, Gn 2, 10. Naturalmente, a imagem, emprestada de *Gênesis*, une o rio real paradisíaco com o abundante rio de felicidade oriundo do êxtase das almas amorosas em Deus!

⁴⁴ *Carta 11*, 9, p. 141-142.

⁴⁵ Para uma análise do Paraíso, ver DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003, especialmente o capítulo “A Jerusalém celeste” (p. 101-119).

⁴⁶ “Vergine Madre, figlia del tuo figlio, / umile e alta più che creatura, / termine fisso d’eterno consiglio, / tu se’ colei che l’umana natura / nobilitasti sí, che’l suo fattore / non disdegnò di farsi sua fattura. / Nel ventre tuo si raccese l’amore, / per lo cui caldo ne l’eterna pace / così è germinato questo fiore.” – DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia. Paraíso* (Edição bilingüe. Trad. e notas de Italo Eugenio Mauro). São Paulo: Ed. 34, 1998, p. 229.

⁴⁷ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *De diligendo Deo. “Deus há de ser amado”* (trad. de Matteo Raschietti). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

(cardeal-diácono de Roma de 1126 a 1141).⁴⁸ O religioso solicitara uma explanação ao abade de Claraval sobre *como Deus deve ser amado*. Bernardo iniciou a carta com uma resposta simples: a causa pela qual Deus há de ser amado é o próprio Deus, e o modo, *amar sem modo*.⁴⁹ Isso porque o homem deve procurar sempre os bens superiores – a ciência e a virtude – naquela parte de si em que ele se eleva sobre si, isto é a alma. Portanto, para amar a Deus, deve-se antes saber quem é.⁵⁰

O amor que se dirige a Deus dirige-se à Imensidão, ao Infinito:

Amat ergo immensitas, amat aeternitas, amat supereminens scientiae caritas; amat Deus, cuius magnitudinis no est finis, cuius sapientiae no est numerus, cuius pax exsuperat omnem intellectum: et vicem rependimus cum mesura? Diligam te, Domine, fortitudo mea, firmamentum meum, et refugium meum, et liberator meus, et meum denique quidquid optabile atque amabile dici potest.

A imensidão, portanto, ama, e ama a eternidade, ama a caridade mais sublime do que a ciência⁵¹; assim ama Deus, cuja magnitude não tem limite⁵², cuja sabedoria não tem quantidade⁵³, cuja paz excede toda compreensão⁵⁴; e nós, em troca, retribuimos com moderação? *Amar-te-ei, Senhor, minha fortaleza, meu sustento, meu refúgio, e meu libertador*⁵⁵, e, enfim, tudo o que por mim pode definir-se desejável e amável.

Deus, causa eficiente e final, é quem *oferece a ocasião, cria a afeição e leva o desejo à plenitude*.⁵⁶ Seu amor, justo e copioso, benévolo e suave, prepara e recompensa o nosso.⁵⁷ É n'Ele que o amor humano se aprimora, ele é a origem do amor.

⁴⁸ *Obras Completas de San Bernardo I*. Madrid: BAC, MCMXCIII, p. 299 (a obra se encontra nas páginas 300-359). Bernardo inclusive recorda que escrevera a carta a Guido e à cartuxa: “Lembro-me de ter escrito, há tempos, uma carta aos santos irmãos cartuxos e de ter exposto nela, entre as outras coisas, esses graus do amor. Talvez aí tenha falado da caridade em outra maneira, embora não de uma forma imprópria, e não acho inútil acrescentar também a esse discurso alguma coisa dela, sobretudo porque tenho à disposição coisas que já foram escritas e posso transcrevê-las antes que redigir outra vez algo novo.” – SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *De diligendo Deo*. “Deus há de ser amado”, *op. cit.*, II, 34, p. 50.

⁴⁹ *De diligendo Deo*. “Deus há de ser amado”, *op. cit.*, I, 1, p. 09.

⁵⁰ *De diligendo Deo*. “Deus há de ser amado”, *op. cit.*, II, 4, p. 13. Trata-se do mesmo tema exposto na obra *Da Consideração*. Ver COSTA, Ricardo da. “O que é Deus? Considerações sobre os atributos divinos no tratado *Da Consideração* (1149-1152), de São Bernardo de Claraval”, *op. cit.*

⁵¹ “Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede a todo conhecimento, para que sejais plenificados com toda a plenitude de Deus”, Ef 3, 19. A passagem, muito famosa, tem profunda base filosófica (de natureza estoica). Ver COSTA, Ricardo da. “O que é Deus? Considerações sobre os atributos divinos no tratado *Da Consideração* (1149-1152), de São Bernardo de Claraval”, *op. cit.*, p. 8, n. 35.

⁵² “Grande é Iahweh, e muito louvável, é incalculável a sua grandeza”, Sl 145 (144), 3.

⁵³ “Nosso Senhor é grande e onipotente e sua inteligência é incalculável”, Sl 147 (146-147), 3.

⁵⁴ “Então a paz de Deus, que excede toda a compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos, em Cristo Jesus”, Fl, 4, 7.

⁵⁵ “Eu te amo, Iahweh, minha força, (meu salvador, tu me salvaste da violência). Iahweh é minha rocha e minha fortaleza, quem me liberta é o meu Deus”, Sl 18 (17), 1-3.

⁵⁶ *Deus como causa eficiente e final*: não é a primeira vez que Bernardo – sem o saber – se vale de conceitos aristotélicos (provavelmente herdados de uma epístola de Sêneca). De qualquer modo, a doutrina das quatro causas era um legado comum do medievo, inclusive antes da tradução da *Física* de Aristóteles por Jacó de Veneza (primeira metade do séc. XII). Para o tema, ver COSTA, Ricardo da. “O que é Deus? Considerações sobre os atributos divinos no tratado *Da Consideração* (1149-1152), de São Bernardo de Claraval”, *op. cit.*, p. 6.

Fontes

- ARISTÓTELES. *Metafísica* (ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale). São Paulo: Edições Loyola, 2005, vol. II.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- DANTE ALIGUIERI. *A Divina Comédia. Paraíso* (Edição bilíngüe. Trad. e notas de Italo Eugenio Mauro). São Paulo: Ed. 34, 1998.
- LÚCIO ANEU SÉNECA. *Cartas a Lucílio* (trad., prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- PLATÃO. *A República* (trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras Completas de San Bernardo I*. Madrid: BAC, MCMXCIII
- SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras Completas de San Bernardo V*. Madrid: BAC, MCMLXXXVII.
- SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras Completas de San Bernardo VII. Cartas*. Madrid: BAC, MCMC.
- SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *De Diligendo Deo*. “Deus há de ser amado” (trad. de Matteo Raschiatti). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. *O conceito de Amor em Santo Agostinho. Ensaio de Interpretação Filosófica*. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.
- BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- COSTA, Ricardo da. *A Árvore Imperial – Um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316)*. Niterói: Tese de doutorado, 2000.
- COSTA, Ricardo da. “‘A luz deriva do bem e é imagem da bondade’: a *metafísica da luz* do Pseudo Dionísio Areopagita na concepção artística do abade Suger de Saint-Denis”. In: *Scintilla. Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), Vol. 6 - n. 2 - jul./dez. 2009, p. 39-52. Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/suger.htm>
- COSTA, Ricardo da. “El Alma en la mística de San Bernardo de Claraval”. In: *Revista Humanidades 17-18*. Departamento de Artes y Humanidades de la Universidad Andrés Bello. Santiago de Chile, junio-diciembre 2009, p. 201-210, Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/El%20alma%20en%20la%20mística%20de%20San%20Bernardo.pdf>,
- COSTA, Ricardo da. “O que é Deus? Considerações sobre os *atributos divinos* no tratado *Da Consideração* (1149-1152), de São Bernardo de Claraval”. In: *Revista Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Christi, Ano IX, fasc. 18, jul-dez 2010, p. 223-238. Internet, <http://www.ricardocosta.com/pub/ANPOF%202010.pdf>
- DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2000-2001, 04 volumes.
- FRAILE, Guillermo. *Historia de la Filosofía II (1.º). El cristianismo y la filosofía patristica. Primera escolástica*. Madrid: BAC, MCMLXXXVI.
- GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *Historia de la Iglesia Católica II. Edad Media (800-1303)*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2003.
- GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- RAMÓN GUERRERO, Rafael. *Historia de la Filosofía Medieval*. Madrid: AKAL, 2002.
- SCHAMA, Simon. *O Poder da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁵⁷ *De diligendo Deo*. “Deus há de ser amado”, *op. cit.*, VII, 22, p. 34.